

## Estudo panorâmico da fome na Hiléia

ANTÔNIO BARSANTE DOS SANTOS

*"O nosso objetivo é analisar o fenômeno da fome coletiva — da fome atingindo endêmica ou epidemicamente as grandes massas humanas. Não só a fome total, a verdadeira inanição que os povos de língua inglesa chamam de "starvation", fenômeno, em geral, limitado a áreas de extrema miséria e a contingências excepcionais, como o fenômeno muito mais freqüente e mais grave em suas conseqüências numéricas, da fome parcial, da chamada fome oculta, na qual pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de população se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias" (1)*

**A**O abordarmos assunto tão amplo e delicado, contraditável entre os próprios mestres, move-nos a esperança de fornecer algo de útil ao esclarecimento das questões amazônicas, ou, pelo menos, de servir de veículo de divulgação de suas prementes necessidades, de seus problemas fundamentais, máxime atualmente quando o Congresso Nacional se encontra empenhado na elaboração do plano de soerguimento sócio-econômico da Hiléia. Acresce-se a isso a circunstância de termos conhecido a região mais de perto, na sua intimidade, por ocasião de nossa permanência na UNESCO, colaborando nos estudos preliminares de implantação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônia. Aí tivemos a oportunidade de estudar alguns problemas pertinentes ao complexo econômico do Vale, bem como observar, diretamente, vários outros fatos de suma importância para o seu melhor estudo e entendimento. E, ainda, como relator do orçamento do Ministério da Agricultura, do D. A. S. P., aspectos marcantes do meio regional, problemas básicos da agricultura e da pecuária e, em correlação, o aspecto alimentar, todos êstes foram por nós detidamente anotados e estudados, tendo em vista a nossa atribuição precípua, a nossa preocupação primeira de analisar os planos de trabalho apresentados pelos diferentes setores daquele ministério e traduzi-los, em termos de dinheiro, no orçamento.

Atingem os limites naturais da Hiléia Amazônica os Estados do Amazonas, Pará, a quase totalidade de Mato Grosso, parte de Goiás e do Maranhão e os Territórios Federais do Amapá, Rio Branco, Acre e Guaporé. Tais limites, apesar de aparentemente definidos, longe disso, têm dado ensejo as mais acerbas discussões, especialmente agora em que o país, graças a dispositivos constitucionais, acha-se voltado para a valorização e o soerguimento econômico do Vale Amazônico. Nesse sentido, vários estudos têm sido apresentados, alguns de natureza estritamente técnico-científica — baseados em aprofundados estudos da flora, ou da rede fluvial da bacia amazônica — outros demasiadamente gerais, guiados por injunções políticas, e nos quais se pretende entender os limites da Amazônia às bordas dos estados sulinos... Dentre os melhores estudos de delimitação da área geográfica da Hiléia destacam-se os da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e do Conselho Nacional de Geografia (2). Desprezando-se as minúcias encontradas entre as diferentes delimitações, constata-se que a região amazônica ocupa cerca de 4 milhões de quilômetros quadrados, ou seja, quase a metade de todo o território brasileiro.

### 1. O MEIO GEOGRÁFICO

Torna-se indispensável ligeiro esboço do meio geográfico da Amazônia — clima, solo e recursos naturais — dada a sua imediata interferência com o fenômeno da alimentação.

O clima predominante da Hiléia é o equatorial super-úmido. Sua temperatura média é bastante elevada; porém, o seu grau de umidade é ainda muito superior ao da temperatura, cerca de 80%. Comumente êste eleva-se a mais de 100%, provocando saturações que determinam chuvas quase diárias, mormente na orla litorânea. De todos os elementos negativos da região é a umidade, sem dúvida, o pior deles, verdadeiro flagelo à vida humana. Em conseqüência da excessiva umidade são mantidos os caudalosos rios e infundáveis alagadiços, pauis, paranás, igapós e igarapés, que alagam e inundam tudo. A flora pujante é um reflexo, um atestado da umi-

(1) JOSUÉ DE CASTRO — *Geografia da Fome* — Rio — 1948, pág. 21.

(2) Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES — *Delimitação da Amazônia para fins de Planejamento Econômico* — Rio — 1949.

dade existente, já que a selva exuberante e avassaladora só poderia subsistir em clima de tão elevado coeficiente de umidade, pois o consumo de água de um hectare de floresta é sobremodo considerável. E' notória a influência desse clima sôbre o elemento humano: a indolência inconsciente, ou melhor, a fadiga neuro-muscular, que os habitantes de outras regiões errôneamente denominam de "preguiça amazônica", é produto de sua ação implacável. Não permitindo a umidade uma transpiração regular, o amazônida é submetido a uma constante pressão calorífica externa, que o atordoa e o impossibilita para o trabalho, mormente às horas de sol a pino, ou seja, das 11 às 14 horas. Há, no entanto, quedas um tanto bruscas de temperatura durante a noite, na estação invernal, que atingem cêrca de 15.°C., constituindo a "friagem", como acentua Raimundo de Moraes (3), proveniente esta dos gelados ventos deslocados dos cumes andinos ou do Oceano Atlântico. "Como consequência dessas condições climáticas, doenças reumáticas e do aparelho respiratório são comuns. O anófele prevalece na região, resultando a malária. Essas causas, juntamente com a alimentação imprópria e o uso generalizado, embora moderado, do álcool, conduz o povo à fraqueza" (4).

O solo, consequência imediata do clima, é pobre, ou melhor, é "paupérrimo do ponto de vista mineral" (5). E' em geral arenoso, coberto por diminuta camada de humo, sendo esta encontrada, em abundância, sômente nas várzeas. A floresta imponente, soberba, é um revestimento iusório da região: derrubada esta, a ação do complexo climático — temperatura, umidades, chuvas torrenciais — exaure o solo com rapidez espantosa, já que o mesmo, em si, é pobre de elementos minerais. Os únicos lugares férteis na vastíssima Hiléia são, como acentuamos, as várzeas, que, inundadas periódicamente pelas cheias dos rios, se enriquecem ano a ano. Diz-nos com sua reconhecida autoridade Preston James, ao analisar o solo da Amazônia: "Sômente nas baixadas dos rios, onde novos depósitos de terra são acumulados pelas águas, são os solos férteis" (6). Aí se formam as chamadas terras de aluvião. Fora das várzeas, nos descampados da floresta, ou nas clareiras provenientes de derrubadas, as chuvas torrenciais promovem uma lavagem completa do solo, tornando-o rapidamente estéril, e coadjuvando, dêste modo, o fenômeno avassalador da erosão produzida pelos rios.

O clima, já pela temperatura elevada oxidando os vegetais, e o solo, já pela sua pobreza mineral e pelo excesso de água que o exaure paulatinamente, tornam a agricultura quase im-

praticável, limitando-a principalmente às terras de várzea, como teremos oportunidade de ver. A aliança macabra de clima e solo tão adversos, é óbvio, não permitiria abundância considerável de recursos vegetais. Estes residem na exploração da castanha, do cacau e da borracha nativas, das madeiras, essências oleaginosas e plantas medicinais, o sustentáculo econômico da região. A Amazônia ainda se encontra no período de economia coletora. Deduz-se, pois, que a sua economia é das mais incipientes, precárias, de cunho eminentemente primitivo. Isto coloca as unidades da Federação circunscritas pela sua área geográfica em estágio marcante de inferioridade econômica e financeira. (Fotografias ns. 1 e 2).



(Foto 1)

Extração do latex da *hevea*; processo típico da indústria extrativa da borracha

E' de se ressaltar que a mata amazônica, sendo heterogênea por excelência, torna a exploração de madeiras difícil e anti-econômica. Ao contrário da Araucária Brasileira, a selva amazônica possui incontáveis variedades, de espécies vegetais, mas de tal modo dispersas que a sua coleta torna-se uma das mais árduas do mundo, agravada ainda pela hostilidade da selva quase impenetrável. Os modernos engenhos mecânicos de exploração de madeiras são, em geral, inacessíveis à região. O solo alagadiço e a floresta cerrada são empecilhos à utilização desses enge-

(3) RAIMUNDO DE MORAIS — *Na Planície Amazônica* — Rio, 1939.

(4) FRED. A. CARLSON — *Geography of Latin America* — New York, 1944, pág. 124.

(5) AMÉRICO L. BARBOSA DE OLIVEIRA — *O Desenvolvimento Planificado da Economia Brasileira* — Rio, 1946, pág. 28.

(6) PRESTON E. JAMES — *Latin America* — New York, 1941, pág. 543.

nhos. Tudo isso concorre para dificultar, encarecer e reduzir a exploração das madeiras. Note-se, também, que a floresta, fechada, escura e traiçoeira, é tão densa que não permite o sol aí penetrar. Percorrendo-a em determinados pontos pudemos constatar, de perto, a veracidade desse fato. A impenetrabilidade do sol gera uma vegetação rasteira riquíssima em fungos, fetos e palmeáceas, além de cipós e lianas que se emaranham

uma nas outras, em busca de sol na copa da floresta, constituindo rede intransponível. Embora seja o solo pobre, a luz e a umidade intensas favorecem, de maneira especial, à vida vegetal, daí a luxúria verde da Amazônia. "O mito da fertilidade dos solos tropicais, diz-nos conceituado geógrafo americano, tem sido desde muito rebatido, mesmo assim ele persiste estranhamente. As florestas dos trópicos chuvosos são luxuriantes



(Foto 2)

Coleta de madeira — Pôrto de lenha no Rio Madeira — Sede de um seringal

devido ao calor e a umidade do clima" (7). Como mui acertadamente salienta o Prof. Josué de Castro (8), as plantas nascem e morrem numa orgia, numa profusão aterradora, servindo-se de pastos umas às outras, na procura macabra de cálcio para sua sobrevivência, que é mui precário na região.

No que concerne à vida animal, à fauna, pode-se também afirmar que a região é pobre: quase não há mamíferos de porte, de vez que o clima e a vegetação não lhes são propícios. A carência de frutos na floresta impede a existência de grandes grupos animais. Todavia impera na Amazônia uma vasta quantidade de aves, peixes, reptis, macacos e incontáveis espécies de insetos. Estes, depois da umidade, constituem o segundo flagelo da Amazônia. Não nos referimos aqui apenas às miríades de mosquitos, pernilongos, sangue-sugas e carapanãs. Desejamos ressaltar a existência das formigas, da saúva que destrói impla-

cavelmente a parca agricultura, da "levanta-saia" e da "formiga de fogo", que põem em debandada famílias inteiras, quando atacam os vilarejos. O interessante é que estas últimas, no relato de Barbosa Rodrigues "são consumidas na alimentação, juntando-se à farinha de mandioca depois de torradas e reduzidas a pó (9). E' o mesmo processo empregado no preparo da "tanajura", muito apreciada em certas áreas do Brasil e na própria região amazônica. A existência de larga e profusa quantidade de peixes e reptis é própria da região, de vez que a Amazônia é um mundo d'água, água e muita água (10). O caboclo amazonense diz com seu sarcasmo e humor característicos, que a Amazônia possui dois climas — quente e muito quente — e duas miragens de terra — terra alagada com floresta e floresta alagada sem terra... Isto, deriva, em parte talvez, do fato do caboclo viver, em geral, na beira dos lagos e dos rios, numa

(7) PRESTON E. JAMES — *Latin America* — New York, 1941, pág. 543.

(8) JOSUÉ DE CASTRO — ob. cit.

(9) RAIMUNDO DE MORAIS — ob. cit. pág. 140.

(10) RAIMUNDO DE MORAIS — ob. cit.

existência semi-aquática; é o seu mundo, a sua vida predileta. E' o que se observa, por exemplo, em Manaus, com seu bairro boiando ao longo do cais, onde se nota verdadeira vida flutuante, com os barcos transformando-se em casas, vendas, botecos, padarias, cafés, tôda uma sociedade primitiva aquática, vagando para lá e para cá ao sabor do rio. De resto, a vida fluvial, o complexo do rio, sempre predominou na sociedade amazônica.

Neste meio geográfico, nasce, vegeta o morre o homem da Amazônia. Misto de índio, negro e português, o caboclo amazonense luta com suas poucas fôrças, corroídas pelo clima, pelas doenças e pela miséria aguda, contra êsse meio hostil. Aí constrói êle a sua habitação rústica — a choupana — veste-se da maneira a mais precária, planta e colhe também da maneira a mais primitiva e anti-econômica possíveis. (Fotografia n.º 3).



(Foto 3)

Habitação palafítica característica da região amazônica, em época de enchente — Belo aspecto de uma várzea alagada

## 2. AGRICULTURA E PECUÁRIA

Para melhor se ajuizar da agricultura na Amazônia, é conveniente conhecer-se, de relance que seja, os sistemas agrícolas da região. Êstes estão intimamente ligados aos processos de colonização. Nas épocas primitivas, antes da entrada do homem branco, viviam os índios da coleta de produtos nativos — raízes, fôlhas e frutos e, fundamentalmente, da caça e da pesca. Completavam a sua dieta com uma proto-agricultura (mandioca e derivados, milho), adotando para isso o sistema de queimadas. Abriam os aborígenes, como ainda hoje o fazem, clarões nas matas, por aquêl processo, plantavam uma vez no ano e no período seguinte repetiam o processo noutra local. E' que o solo pobre não permite mais de uma colheita. A sua notória escassez de sais minerais agrava-se com a própria queimada, que acaba assim de aniquilar o restante de matéria orgânica e inorgânica necessárias à agricultura. (Fotografia 4). Como observa Lynn Smith "uma grande extensão

da superfície da terra é habitada por povos que ainda não avançaram além dessa etapa — uma das mais destrutivas possíveis, pois com ela é preciso aniquilar, para cada colheita, um trato de mata virgem ou capoeira" (11). Embora seja a queimada um dos processos agrícolas mais antigos e tradicionais do Brasil, e conhecidíssimo a séculos, há autores que a desconhecem por completo ou subestimam a sua generalização, como se vê de certo autor norte-americano, ao estudar a Amazônia: "A limpeza da vegetação tropical para a agricultura veste-se de grande dificuldade. Em primeiro lugar, a madeira não queima rapidamente e muitas delas são duríssimas; tôdas são úmidas e verdes; a queima das florestas é absolutamente desconhecida. A terra tem que ser limpa com enxada, serrote, máquinas e destocadeiras". (12) Isto na Amazônia, parece-nos um absurdo,

(11) T. LYNN SMITH — *Sistemas Agrícolas* — Rio, 1947 — pág. 164.

(12) FRED. A. CARLSON — ob. cit. pág. 128.



(Foto 4)

Casal de Gorotires, da região do Araguaia, em sua roça. O aspecto desolador da queimada, produzindo montões de cinzas, carvão e galhos retorcidos, dá-nos perfeita idéia de suas nefastas conseqüências para o solo e, conseqüentemente, para a própria agricultura (Foto do S.P.I.)

um contra-senso. Com a penetração dos brancos — os portugueses — o processo não se modificou muito, de vez que os colonos não se interessavam muito pela agricultura: o seu objetivo era a coleta de essências medicinais para exportação. Esse período caracteriza-se com a “fase das especiárias”. Lançavam mão, ainda, da caça e da pesca para complementar a alimentação. No entanto, já adotavam na época, a par da queimada em “terra firme”, a cultura de várzea, que desde cedo mostrou a sua supremacia sobre a primeira.

Novos bafejos de colonização irromperam com a ascensão da borracha, que vai de 1870 a 1910. Milhares e milhares de indivíduos deslocaram-se para a Amazônia, inclusive cerca de 500.000 nordestinos fugitivos da grande seca de 1877, e “grupos de habitantes dos estados sulinos dos Estados Unidos, desejosos de continuar com o regime de escravidão, os quais se estabeleceram perto de Santarém, trazendo os seus escravos e ferramentas” (13). Mesmo assim, ou melhor, em sua conseqüência mesmo, a agricultura não avançou um passo, pelo contrário, retrocedeu. A colheita da borracha dava lucros fabulosos, enquanto os preços dos produtos agrícolas eram, como sempre foram, muito reduzidos, mormente em face de produtos excepcionalmente cotados, como era a borracha, naquela época. “A falta de agricultura, cujo estabelecimento é obstaculizado pela natureza das nossas indústrias, tôdas elas extrativas, pois

debate-mo-nos, ainda, no aproveitamento do que rende mais, com mais presteza, tem originado, fora de dúvida, todo este panorama desolador, de pobreza, de mendicância e de impotência para realizar algo em alívio próprio” (14).

Dêsse modo, o mesmo sistema agrícola predominava — a queimada destruidora. A queimada fazia o serviço completo para o homem: a derrubada da floresta, a limpeza relativa do terreno e até o próprio consumo do terreno...

Depois da queda da borracha, os habitantes da Amazônia foram forçados a se dedicarem mais à indústria extrativa alimentar — castanhas, cacau e frutos oleaginosos — e, também, à agricultura. E’ quando esta alcança ligeiro incremento, assim mesmo, ínfimo em comparação com outras áreas do Brasil. Aí ela já se encontra amparada pelo braço negro que imigrara para a região.

Embora a queimada ainda predomine até hoje, já se observa tendência no sentido de racionalizar as incipientíssimas culturas agrícolas da Amazônia, fortemente baseadas no cultivo primitivo da mandioca, do feijão, da banana e do milho. O esforço que o Ministério da Agricultura vem empregando nas fazendas agrícolas, públicas e particulares, como as de pequenos proprietários, situados no Careiro (ilha próxima de Manaus),

(13) PRESTON E. JAMES — ob. cit. pág. 549.

(14) MANUEL BASTOS LIRA — *Sobre o valor dos alimentos aborígenes da Amazônia* — Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, 1948 — pág. 44.

é sem dúvida significativo. Nessas fazendas empregam-se engenhos modernos, máquinas e tratores, segundo os mais adiantados conhecimentos agrícolas. De modo idêntico vem o Instituto Agrônomo do Norte atacando o problema agrícola, quer em Belém, quer nas plantações Ford, de Belterra e Fordlândia, tendo mesmo apresentado apreciável plano de trabalho, nesse sentido (15). Nele se dá grande destaque à cultura da várzea.

Na verdade, o forte da agricultura, a sua quase totalidade se limita aos terrenos de várzea,

em que pese a palavra do prof. Lúcio de Castro: "Infelizmente, é na "terra-firme" que praticamente toda a agricultura da Amazônia é feita, sempre pelo atrasado e bárbaro método indígena das queimadas" (16). Em defesa de nossa observação pessoal trazemos o testemunho de autor de reconhecida autoridade nos assuntos amazônicos: "O homem amazônico, que ainda não pôde vencer a lei determinista, permanece ao gosto do espaço, mimetizado principalmente às várzeas" (17). (Fotografia n.º 5). Na terra firme culti-



(Foto 5)

Cultura da mandioca e do milho em terreno de várzea. Vê-se, no primeiro plano, a água e alguns exemplares da flora hidrófila e, no fundo, palmeiras típicas daquele solo alagadiço

va-se a mandioca e o abacaxi, a que o terreno arenoso se presta, e em menor escala o milho, o feijão e alguns tubérculos. (Fotografias 6 e 7). Já na várzea se planta o arroz, a mandioca, a banana, hoje expulsa pela juta, certas variedades de milho e feijão e se organizam as pouquíssimas hortas, para cultura de verduras frescas. (Fotografia 8). Embora constituam as várzeas áreas

diminutas, em relação à Amazônia, nelas está o futuro da região, no dizer lapidar de Raimundo Moraes; é que se torna imperativo substituir a indústria extrativa pela agricultura e pela pecuária, sem o que a fome perdurará. E acrescenta aquele autor: a cana afogará os baixados e a mandioca, a batata doce, o feijão e a melancia brotam profusamente nas praias.

Quanto à pecuária, com exceção da Ilha de Marajó e dos campos do Rio Branco, pode-se afirmar que é inexistente. Tanto assim que, além do gado para matança proveniente da Bolívia, é considerável a importação de mueres do Ceará para os serviços de transporte em terra firme, mormente nos altos rios. A floresta é o maior obstáculo à criação de gado. Sendo impenetrável

(15) FELISBERTO C. DE CAMARGO — *Sugestões para Soerguimento Econômico do Vale Amazônia* — Belém, 1948.

(16) LÚCIO DE CASTRO SOARES — ob. cit., página 171.

(17) MOACIR PAIXÃO E SILVA — *Sobre uma Geografia Social da Amazônia* — Manaus, 1943, pag. 84.

para os rebanhos e completamente destituída de gramíneas torna-se impraticável a pecuária na região. O Instituto Agrônômico do Norte vem de tentar a introdução do búfalo aquático, para carne e leite, o único animal capaz de resistir ao alagadiço e as agruras do clima, assim como do gado Nelore (18). Em face da inexistência de pastagens e, conseqüentemente, de gado, não existe praticamente na região, carne, leite, queijo e manteiga. A carência de boas pastagens e as agruras das intempéries estão definindo o gado



(Foto 6)

*Raiz gigantesca de mandioca, colhida no Posto Indígena de Ajuricaba, no Rio Mapulau-Amazonas. Foto do S.P.I., onde se vê, à esquerda, o seu diretor Dr. Modesto Donatini*

do Rio Branco a tal ponto, reduzindo-lhe de tal forma o pêso e o porte, que o caboclo diz que o gado está virando cachorro; de fato, o gado bovino das planícies do alto Amazonas, esquelético e pequenino, pouco supera um dinamarquês bem alimentado.

E' de todo interesse ressaltar, finalmente, a escassez do transporte na região amazônica, dada a sua imediata relação com o problema da agricultura e da alimentação. A irregularidade do transporte, a sua notória carência, impede ou

dificulta o abastecimento das populações, impossibilitando também a troca de mercadorias de um local para outro, o que vem agravar, de muito, o problema da agricultura, em si. O meio de comunicações ordinário da região é o fluvial. Todavia, mesmo esse, não obstante a resistência de grandes e caudalosos rios, torna-se muitas vezes difícil, árduo, dado os caracteres dos rios, as diversas cachoeiras e as passagens. Vejam-se as dificuldades de uma travessia do Rio Mapulau, no Amazonas (Fotografia 9).

### 3. DIETA BÁSICA

Diante das precárias condições de clima e solo e, conseqüentemente, da agricultura e pecuária, é óbvio que a alimentação do homem da Amazônia tem de ser carencial, deficitária. Na verdade, aí a carência alimentar é das mais agudas: o estado de fome endêmica é geral. E' que a dieta básica da região firma-se ainda na mandioca e seus derivados, complementada por carne de peixe ou de tartaruga e mólhos e caldos condimentados de sabor regional: tacacá, tucupi, etc. Da mandioca, os amazônidas fazem as farinhas, os beijus e mingaus, êstes quase sempre adocicados com a indispensável rapadura. São os "comedores de pau", como diziam alguns homens de ciência da Europa, com relação aos habitantes das áreas da mandioca no Brasil. Mesmo assim, grande parte da farinha consumida na região é importada. (Fotografia n.º 10).

E' de se notar que o solo pobre, a agricultura precária e incipiente determinam carências profundas de sais minerais — cálcio, ferro, cloreto de sódio, proteínas e vitaminas. Estas, felizmente, são supridas em parte pelos mólhos e pratos regionais, na base de fôlhas e vegetais frescos triturados, ricos em vitaminas. A própria luz solar, intensa na região, consegue suprir a carência alimentar absoluta da vitamina D, impedindo o raquitismo endêmico. Verifica-se que as doenças mais difusas da Amazônia, com exceção daquelas promovidas por veículos externos, como a malária, as febres, as verminoses, são quase tôdas de origem alimentar: é a cegueira provocada pela ausência de vitamina A, o escorbuto pela carência de vitamina C, o beribéri, hoje observado em menor escala, doença tipicamente de cunho avitaminoso e tantas outras.

A falta de sais minerais, promovida pelo fenômeno da laterização, determinou "conseqüências bem graves para as populações amazônicas" (19). A carência do ferro, por exemplo, responde pelo estado geral de anemia do homem amazônico. Felizmente o sol substitui o cálcio, com a absorção da vitamina D e impede, como acentuamos, o raquitismo. O mesmo não acontece em relação a vitamina A, cuja inexistência provoca a anorexia ou falta de apetite crônica, a qual concorre em grande parte para a desnutrição, já que o indivíduo não se sente predisposto à alimentação, substituindo-a por líquidos, em face do calor, e

(18) FELISBERTO C. DE CAMARGO — ob. cit.

(19) JOSUÉ DE CASTRO — ob. cit. pág. 71.



(Foto 7)

Plantação de cana e de abacaxi. Rio Ajuricaba — Amazonas

quase sempre pelo álcool. Em tôda a zona ribeirinha, o uso do álcool é geral; o mesmo ocorre em relação ao fumo, fator determinante também da anorexia, quando levado ao excesso, e que é comum até entre as mulheres, como tivemos oportunidade de observar. O caboclo permanece praticamente o dia todo de cigarro na bôca, cortando a friagem ou o excesso de calor, com uma tragada de “caninha”, como dizem. É um costume bem brasileiro, e generalizado.

Tudo isso concorre para enfraquecer o homem e predispô-lo às doenças, que são inúmeras na região: malária, febres agudas, verminoses (amebíanas, especialmente), tifo e tuberculose, esta largamente espalhada nos grandes centros urbanos ou ao longo das estradas de ferro, como nas E. F. Bragança e Madeira-Mamoré.

Quanto às proteínas, também é sensível a sua carência, de vez que não existe a pecuária organizada, com exceção dos parques rebanhos de Marajó e Rio Branco, incapazes de fornecerem tais produtos, no mínimo julgado indispensável. Falta, pois, como já dissemos, a carne, o leite, a manteiga e o queijo.

Não obstante, os alimentos protéicos ainda podem receber um forte auxílio dos recursos locais, substituindo-se a carne de vaca pela do peixe, da tartaruga e do próprio jacaré, (20), ou mesmo

por vegetais ricos em proteínas, como a castanha do Pará.

É lamentável que os habitantes da Hiléia não tenham utilizado ou não tenham podido utilizar, na alimentação, os seus recursos naturais no que se refere em especial a ictiofauna. Sendo a região uma das mais ricas do mundo em peixes, alguns de valor alimentício extraordinário, como o pirarucu, tambaqui e peixe-boi. Do valor dêste último na alimentação, diz-nos Nunes Pereira, em recente e interessantíssimo ensaio, de incontestável valor:

“A reputação da carne de peixe-boi, como alimentação, não somente foi celebrada pelos primeiros viajantes e naturalistas, como também pelos indígenas e pelos civilizados que a comeram, de preferência à de certas caças silvestres.

Fresca, essa carne sabia, simultaneamente, à do gado (vitelo), à de porco e à de peixe.

Assada na própria banha do animal e transformada em *mixira*, além de ser um alimento de poupança incomparável, como o chamado *pão-dos-índios* e o *pirarucui*, continha elementos nutritivos, que a sua análise confirmou. Assadas no espêto, as costelas sabiam a porco, que fôsse cevado a milho e a bolota.

E o lombo, assado na panela, com os temperos da culinária do civilizado, sabia ao melhor prato que se obtivesse com uma caça preciosa.

As lingüiças, os paios que se fazem com a carne do lombo e a banha da ventrecha, só encontraram rivais nas da culinária européia". (21)



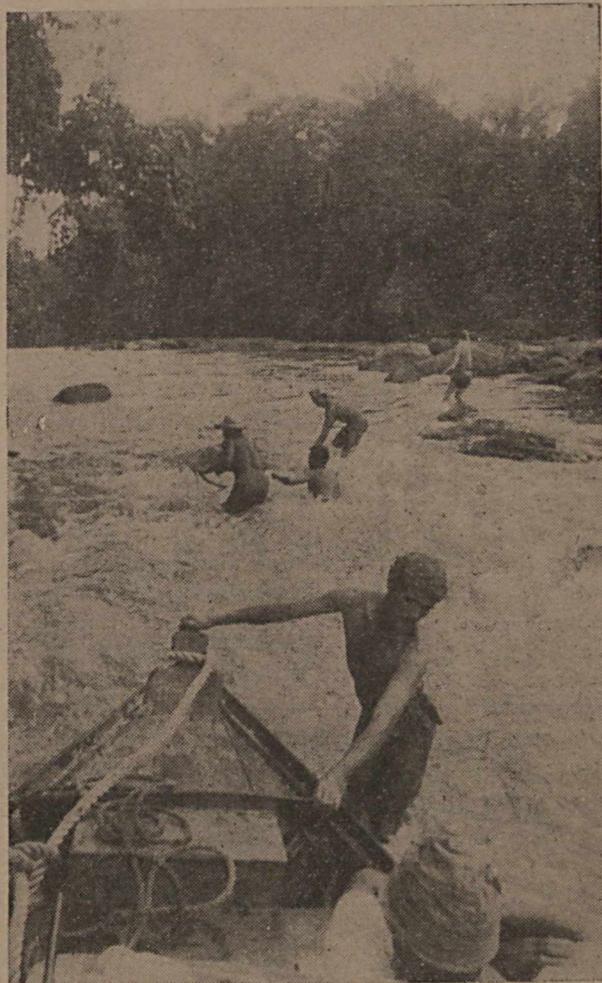
(Foto 8)

Cultura de Banana, em Ajuricaba

Na verdade, quem já provou dessa carne verifica que não há exagêro na descrição do autor. E' pena que tais recursos — peixes e tarugas, notadamente — estejam tão raros na região, em virtude de caça e perseguição desenfreada que lhes vem sendo impostas.

Quanto ao leite, o mesmo já não ocorre em relação a produtos capazes de substituí-lo. Alimento completo, por excelência, na região é objeto de luxo; da manteiga e do queijo só as classes mais abastadas tomam conhecimento, de vez que são importados do sul e vendidos a preços proibitivos. Ao salientar a carência do leite na dieta do amazônida, sobretudo entre as crianças, diz estudioso daquela região: "a criança cabocla procura nos pirões de farinha e peixe, e nos mingaus, reagir contra a fome que a persegue". (22)

O amazonense ainda vive, em grande parte, como nos altos tempos da cotação da borracha, da alimentação de conservas: é a alimentação de lata. E isto porque a região, do ponto de vista alimentar, pouco ou nada produz; quase tudo é importado. Em Manaus, por exemplo, toma-se leite em pó vindo do Rio de Janeiro ou dos Estados Unidos; come-se manteiga e queijo da Serra da Mantiqueira ou do sul de Minas; e, nas classes altas, saboreia-se a sobremesa importada de São Paulo. Em Belém do Pará, a situação alimentar é idêntica. Os hotéis americanos servem verduras, como a alface, importada de avião da América do Norte. O próprio povo, por sua vez, come a carne ou o charque vindo a primeira da Bolívia e o segundo do Rio Grande do Sul. Enfim, a alimentação básica tem grande amparo na importação. Os produtos locais complementam essa dieta nas classes mais abastadas e, às vèzes, a substituem quase totalmente, nas classes pobres, já por uma dieta primitiva e carencial, em face dos elevados preços dos artigos importados.



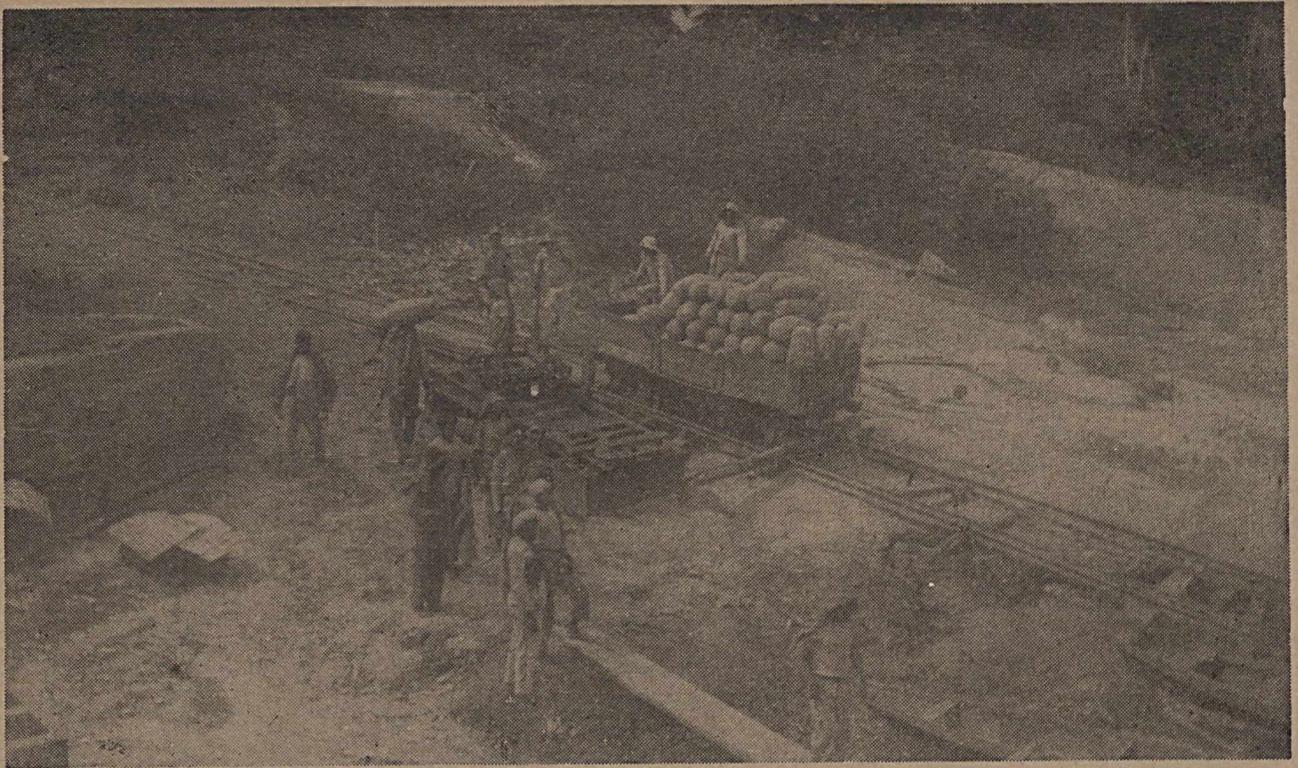
(Foto 9)

Travessia do Rio Mapulau-Amazonas

Eis porque a fome, a carência alimentar coletiva, na Amazônia, é generalizada, ora pela falta completa de alimentos básicos, ora pela sua notória escassez. Essa carência tem origens na au-

(21) M. NUNES PEREIRA — *o Peixe-boi da Amazônia* — Rio, 1945, pág. 47.

(22) MANUEL BASTOS LIRA — *ob. cit.*, pág. 42.



(Foto 10)

*Recebimento de encapados de farinha de mandioca, provenientes do Pará, na Cachoeira de São Miguel — Rio Madeira*

sência da prática sistemática da agricultura, e por sinal, bastante remota: prende-se também ao fato dos seringalistas, donatários de vastas áreas de exploração de borracha, onde se concentram grandes grupos humanos, proibirem a agricultura nos seringais, de maneira decisiva. Em folhetos, verdadeiros regulamentos dos seringais, há dispositivos que proibem terminantemente a agricultura. Essa prática desastrosa para a alimentação do amazônida, muito tem concorrido para as nefastas hipo-vitaminoses. Vejamos o que nos diz, nesse sentido, uma das mais altas expressões culturais da Amazônia: “o extrator náda devia produzir — era a doutrina — mas apenas extrair o ouro líquido, que jorrava abundantemente da seringueira. Naquela época de grandeza mal aproveitada, de desperdício e de imprevidência, era crime produzir; só era lícito extrair e destruir. (23)

(23) ARAÚJO LIMA — *A Amazônia — A Terra e o Homem* — Rio, 1945, pág. 149.

Se na época áurea da borracha essa era a praxe, hoje, conquanto pareça absurdo, a situação não mudou muito. Ainda existem os extravagantes regulamentos, canhestros e desastrosos. A Amazônia, em detrimento de sua cultura agrícola, ainda persiste na exploração unilateral da borracha, está já em seus últimos estertores, animada apenas por “injeções vitalizantes” produzidas pela cotação artificial. O preço da borracha é, sem dúvida, a saúde do amazônida; e é bem alto, bem doloroso...

Enquanto isso, o povo continua a passar fome, a constituir as hordas de fantasmas desnutridos, esqueléticos e doentes. Parodiando Euclides da Cunha diríamos que o amazônida é antes de tudo um forte, pois apesar de fisicamente debilitado, ainda é um lutador que mantém e sustenta várias unidades da Federação, não obstante a sua dor, a sua desgraça...

★ ★  
★

A administração pública brasileira, notadamente a dos municípios e de certos Estados, ainda não se inteirou suficientemente da importância da documentação, que não fica restrita a ilustrar os relatórios. E' através da documentação que a experiência se acumula, é através da documentação que os administradores podem ter ciência dos caminhos certos e errados, é através da documentação, em suma, que se sedimentam os procedimentos administrativos mais aconselháveis, já definitivamente sancionados pela prática.

*Benedito Silva.*